

Haddad prevê inflação de 10% em dezembro

■ Plano econômico do governo Itamar aposta em crescimento gradual e destina US\$ 55 bilhões para investimentos sociais

ELI TEIXEIRA E
NÉLIA MARQUEZ

BRASÍLIA — O programa econômico do governo Itamar Franco prevê inflação próxima de 10% em dezembro deste ano e de 2% a 4% ao mês daqui a dois anos, crescimento de 5% da economia nos próximos dois anos, criação de 2 milhões de novos empregos por ano e reativação econômica por setores que dão muito emprego. Ao anunciar ontem o programa, o ministro do Planejamento e Fazenda, Paulo Haddad, disse que a inflação será combatida ao mesmo tempo em que serão tomadas medidas para a volta do crescimento econômico e para a execução de um programa social de emergência. Esse programa social irá atender aos "andarilhos e indigentes".

O programa afasta choques, pacotes, congelamentos ou dolarização. O ministro admite adotar medidas mais fortes para dar um tombo na inflação quando houver confiança na economia e regras mais estáveis. Conforme Haddad, os juros terão queda gradual mas as taxas serão sempre reais (acima da inflação). O programa prevê também a redução de incentivos fiscais e dos impostos para indústrias que negociarem com o governo programas de investimentos, aumento de emprego e fabricação de bens menos sofisticados. "O objetivo é beneficiar de 50 a 60 milhões de brasileiros que vivem na pobreza."

Ele não vê contradição em combater a inflação e voltar a crescer e aponta quatro fatos que irão sustentar o crescimento gradual com a queda inflacionária: a política monetária não está mais sendo pressionada pela devolução dos cruzados bloqueados; o país tem um "volume expressivo" de reservas internacionais; o ajuste fiscal a ser votado pelo Congresso em janeiro irá equilibrar as finanças públicas; a indústria trabalha hoje com capacidade ociosa e praticamente desapareceu a remarcação preventiva de preços pelo temor de congelamentos.

"Não esperem quedas bruscas da inflação", advertiu Paulo Haddad. "Ela pode ter uma pequena alta em janeiro, mas em fevereiro

recomeçará a cair." O diagnóstico de Haddad é que o Brasil vive sua pior crise desde 1929: "Nos últimos três anos o brasileiro empobreceu 10% com a estagnação econômica." Disse que para melhorar a eficiência dos gastos públicos as despesas serão descentralizadas. A descentralização começará pela merenda escolar, com a transferência de dinheiro aos estados para a compra de alimentos.

A tese do ministro é que se o governo gastar bem eliminará os desperdícios. Ele anunciou que as aplicações sociais do governo em 1993 vão chegar a US\$ 55 bilhões e só para recuperação de estradas irão US\$ 2,5 bilhões, quatro vezes mais que o previsto inicialmente. A construção de moradias populares ficará com US\$ 1,5 bilhão este ano. A retomada da economia será feita basicamente por investimentos privados. Acredita o ministro que as matrizes de empresas estrangeiras financiem programas de modernização de suas filiais brasileiras. "Não temos condições de ter um programa à la Juscelino Kubitschek ou o PND de Geisel. Por isso, a volta do crescimento será gradual."

O programa econômico de Itamar Franco contém apenas medidas tradicionais de política econômica, combinadas com programas de amparo às classe afetadas pela recessão. Ele se baseia em quatro pilares, todos dependentes de aprovação do Congresso Nacional: a reforma fiscal, a reforma do sistema financeiro, a solução para as grandes dívidas do Estado e as reformas estruturais (como mudanças na Previdência).

Dos quatro pilares, só o ajuste já está no Congresso. A reforma do sistema financeiro será deflagrada nos próximos dias com base nos vários projetos em tramitação no Congresso e incluirá maior autonomia para o Banco Central e limitação das atividades dos bancos estaduais, para que não financiem mais os governos estaduais. A reforma financeira sobrá ainda para os bancos federais, que terão que fechar agências que concorrem de forma predatória entre si.



Ao lado de Itamar, Haddad afirmou que é possível promover o crescimento e, ao mesmo tempo, combater a inflação